

QUESTÃO VII

Governar, educar, psicanalisar são três apostas impossíveis de sustentar. Apesar dessa perpétua contestação de todo discurso e, sobretudo do seu, é necessário que o psicanalista aí se afeire. Ele se aferra a um saber – o saber analítico – que por definição ele contesta. Como você resolve – ou não – esta contradição? Estatuto do impossível? O impossível é o real?

RESPOSTA

Perdão se, nem mesmo desta pergunta, não atinjo a resposta a não ser revestindo-a com minhas próprias mãos.

Governar, educar, psicanalisar são, com efeito, promessas, porém ao chamá-las impossíveis não se consegue assim senão prematuramente assegurá-las como reais.

O menos que se pode impor-lhes é dar provas disso.

Isso não significa contestar o que você chama seu discurso. Por que o psicanalista de resto teria o privilégio, se não tivesse que lhes ajustar o passo, o mesmo que recebe do real, para dar o seu?

Notemos que estabelece esse passo [*pas*] com o próprio ato com o qual avança; e que é no real onde esse passo faz função, que submete os discursos que põe no passo da sincronia do dito.

Instalando-se com o passo que produz, esta sincronia só se origina em sua emergência. Ela limita o número dos discursos que sujeita, como fiz concisamente ao estruturá-los em número de quatro por uma revolução não permutativa em sua posição, em quatro termos, o passo do real que assim se sustenta sendo desde então unívoco em seu progresso como em sua regressão.

O caráter operatório desse passo consiste em que uma disjunção rompe aí a sincronia entre termos cada vez diferentes, justamente porque ela está fixa.

Em verdade, lá não há lise [*là n'a lyse*] para fazer com seu nome o que, no provérbio que se agita depois de Freud, se chama curar e que faz rir demasiado alegremente.

Governar, educar, curar, portanto, quem sabe? Pela análise, o quarto aí rebaixa por figurar como criada [*Lisette*]: é o discurso do histérico.

Mas o que! A impossibilidade dos dois últimos se proporia como álibi dos primeiros? Ou de preferência os resolveria na impotência?

Pela análise, lá não há lise [*là n'a lise*], me permitam ainda esse jogo, que a impossibilidade de governar o que não se domina, que deve ser traduzida em impotência da sincronia com nossos termos: comandar o saber. Para o inconsciente é um tanto difícil.

Para o histérico, é a impotência do saber que provoca seu discurso, para animar-se do desejo – que descobre em que educar fracassa.

Quiasma surpreendente por não ser bom, a menos que se denuncie onde se afrouxam as impossibilidades para pronunciar-se como álibis.

Como obrigá-las a demonstrar seu real, da própria relação que, para ser-aí, cumpre função como impossível?

Ora, a estrutura de cada discurso necessita uma impotência, definida pela barreira do gozo, a diferenciar-se como disjunção, sempre a mesma, de sua produção à sua verdade.

No discurso do mestre, é o mais-de-gozar que só satisfaz o sujeito sustentando a realidade de sua fantasia.

No discurso universitário, é a hiância em que se devora o sujeito que ele produz por ter de supor um outro do saber.

Essas são verdades, porém nas quais ainda se lê que são trapaças para prescrever-lhes o caminho de onde o real vem ao fato.

Já que não são mais que conseqüências do discurso que delas provêm.

Porém esse discurso surgiu da báscula de onde o inconsciente, eu tenho dito, é dinâmico por permitir-lhe funcionar em “progresso”, para o pior, sobre o discurso que o precedecom um certo sentido rotatório.

Assim o discurso do mestre extrai sua razão do discurso do histérico em que ao fazer-se o agente do onipotente, renuncia a responder como homem a aquilo que

ao solicitá-lo ser, o histérico não obtém mais que saber. É ao saber do escravo que se entrega desde então para produzir o mais-de-gozar, a partir do seu (do seu saber), ele não consegue que a mulher seja causa de seu desejo (no digo: objeto).

Daí se assegura que a impossibilidade de governar não será premida em seu real trabalhando regressivamente o rigor de um desenvolvimento que necessita a falta para gozar em sua partida, se a mantém até o fim.

Pelo contrário, é por estar em progresso sobre o discurso universitário que o discurso do analista poderia permitir-lhe cercar o real cuja função é sua impossibilidade, isto é, a que queira submeter à questão do mais-de-gozar que já tem sua verdade em um saber, a passagem do sujeito ao significante do mestre.

É supor o saber da estrutura que, no discurso do analista, ocupa o lugar da verdade.

Isto é a suspeita com que esse discurso deve sustentar tudo o que se apresenta nesse lugar.

Porque a impotência não é a guisa da qual o impossível seria a verdade, porém, tampouco é o contrário: a impotência faria um favor fixando o olhar se a verdade não se visse a ponto de... fornicar.

É preciso terminar esses jogos com os quais a verdade suporta os gastos derrisórios.

Não é senão ao empurrar o impossível em seus cortes que a impotência ganha o poder de fazer o paciente voltar a agente.

É assim que ela vem em ato em cada revolução cuja estrutura tenha um passo a dar para que a impotência mude obviamente de modo.

Assim a linguagem faz novação do que revela do gozo e faz surgir a fantasia que realiza um tempo.

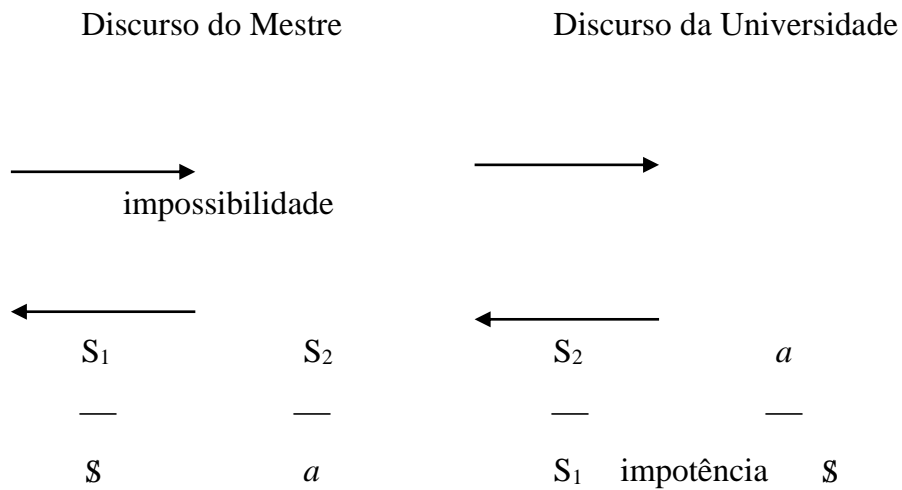
Ela não aproxima o real senão na medida do discurso que reduz o dito a fazer furo em seu cálculo.

De tais discursos à hora atual não há aos montes.

Nota sobre a resposta à VIIª questão

Para facilitar a leitura, reproduzo aqui os esquemas estruturais dos quatro “discursos” que foi este ano assunto de meu seminário. Para aqueles que não seguiram o desenvolvimento.

Discurso de “o avesso da psicanálise”



- se esclarece por "regressão" do:

- se esclarece por "progresso" no:

Discurso da Histórica

Discurso do Analista

